

O primado do 'ser' sobre o 'fazer'

“O que você acha?”, “o que você faria se estivesse no meu lugar?”. Quantas vezes alguém nos pede uma ajuda ou entendemos que precisaria dela, ou ainda temos a certeza de que para ajudar aquele amigo, irmão, aquela pessoa, se deveria realmente “fazer assim”.

Em poucas linhas, tiradas de “Meditações”, o livro que reúne os seus primeiríssimos escritos espirituais, Chiara Lubich nos convida a mudar de perspectiva e a nos colocarmos do lado de Deus para ter não o nosso, mas o Seu amor para com quem quer que seja

Há quem faça as coisas “por amor”. Há quem faça as coisas procurando “ser o Amor”. Quem faz as coisas “por amor” pode fazê-las bem; mas pensando, por exemplo, em prestar um grande serviço a um irmão, digamos doente, pode aborrecê-lo com seu falatório, com seus conselhos, com suas ajudas, com uma caridade pouco sensata e pesada.

Ele terá um mérito, mas o outro, um peso.

Tudo isso porque é preciso “ser o Amor”.

O nosso destino é como o dos astros: se giram, existem, se não giram, inexistem. Nós existimos – entendendo-se que vive em nós não a nossa vida, mas a de Deus – se não cessamos um instante de amar.

O amor nos faz residir em Deus, e Deus é o Amor.

Mas o Amor, que é Deus, é luz, e com a luz vemos se o modo como nos aproximamos e servimos o irmão está em conformidade com o Coração de Deus, está como o irmão gostaria, como ele sonharia se estivesse a seu lado não nós, mas Jesus.

Chiara Lubich

Chiara Lubich, in *Ideal e Luz*, Ed Cidade, São Paulo, 2003, pág. 113.



Caros leitores!

O “ano focolarino” está para concluir-se no mês de setembro e foi dedicado em particular a aprofundamentos espirituais sobre a Igreja e o Espírito Santo. Portanto, não é de se espantar que este número da Mariápolis esteja cheio de uma vitalidade típica do Espírito de Jesus.

É a vida que se concentrou, entre outras coisas, no projeto de uma Mariápolis Europeia (p. 2-6) realizada justamente em Fiera di Primiero, onde há 70 anos nasceu a Mariápolis. E depois de 60 anos, essa experiência atualizou aquele famoso “pacto dos povos” lançado por Chiara em 1959, ou seja, o empenho em amar a pátria do outro como a própria.

Em uma época em que parece prevalecer cada vez mais a soberania, essa iniciativa é estupendamente atual, porque convida os povos a trabalhar para que não só as pessoas, mas também as nações se queiram bem e procurem conhecer e valorizar todo o positivo dos outros países e culturas. É uma unidade entre os povos que mantém, ou melhor, acrescenta a diversidade, porque todo povo deveria estar preocupado em contribuir com o crescimento e a realização dos outros povos.

É um sonho? Com certeza! Mas em todas as nações já há pessoas que vivem para a realização dele.

Joachim Schwind

Assessoria de Imprensa do Movimento dos Focolares



Mariápolis europeia/1

“Redescobrir o projeto de Deus para a humanidade”

Acabou de começar a primeira Mariápolis Europeia promovida pelo Movimento dos Focolares, em Tonadico nas Dolomitas, de 14 de julho a 8 de agosto

No contexto histórico e político de uma Europa dividida e conflitiva, o evento quer testemunhar que o sonho da fraternidade entre os povos não é uma utopia. A intuição original de Chiara Lubich, fundadora dos Focolares, na virada dos anos 40 e 50 do século passado, encontra atuação nos diversos campos do saber, assim como no coração das relações entre os indivíduos e entre os povos. Falamos disso com Padre Fabio Ciardi, responsável do centro de estudos interdisciplinar do Movimento “Escola Abba”:

Qual é a ligação entre as experiências místicas que Chiara Lubich teve nos anos 1949 e 1950, durante e depois da primeira Mariápolis, e o nascimento da Escola Abba?

“A Escola Abba nasceu para aprofundar o que aconteceu naqueles anos. Chiara teve ocasião de escrever daquela experiência na medida em que acontecia, consciente de que lá havia uma doutrina, valores tão profundos e ricos que poderiam nutrir não somente a Obra, mas também a Igreja. A um certo ponto, sentiu a necessidade de retomar nas mãos aqueles papéis e começou a chamar, ao seu redor, pessoas de um certo nível cultural para entrar em profundidade dentro desta sua experiência e fazer brotar dela a doutrina que já está inerente em si mesma”.

Entre as disciplinas objeto de estudo da Escola Abba estão presentes a história e a politologia. A reflexão da Escola nestes âmbitos pode ajudar a compreender as razões de fundação da União Europeia?

“A experiência que Chiara fez em 1949, lhe consentiu ter uma visão, do alto, do desígnio de Deus para a humanidade e para a história. Portanto, aqui se encontram valores que estão na base inclusive da Europa. A Escola Abba quer colocá-los em luz e mostrar a sua

atualidade. Hoje a Mariápolis nos ajuda a redescobrir aquele desígnio, a compreender qual é o projeto de Deus para a nossa história, para a nossa identidade”.

Naqueles primeiros tempos Chiara intuiu que a Europa era chamada a ser unida internamente – Igino Giordani, cofundador do Movimento, desejava o nascimento dos Estados Unidos da Europa – e a se colocar como entidade federativa dos povos no contexto mundial. Hoje, porém, estamos longe daquela visão e a Europa é atravessada por nacionalismos e populismos. Como reencontrar aquele ímpeto e torná-lo “contagioso”?

“Tenho a impressão de que na experiência inicial de 1949 haja todos os componentes para alargar o coração, para fazer com que cresça o sentido de fraternidade, acolhimento, partilha, e para promover um caminho juntos. No início, a reflexão de Chiara estava concentrada na Itália: falava de Santa Catarina e São Francisco como os padroeiros da Itália. Mas logo os horizontes se alargaram porque se uniram ao Movimento pessoas de outros países da Europa e de outros continentes e ela via o carisma da unidade vibrar em todos, e cada um encontrava nele os seus valores mais profundos. Chiara via toda a humanidade em marcha na direção da unidade. E isto me parece que seja o ideal fundamental que pode ser atuado também hoje. É preciso uma reflexão cultural que saiba conjugar o grande projeto de Deus para a humanidade com a situação política, histórica, econômica atual”.

Portanto, a experiência de uma Mariápolis europeia, que mensagem pode mandar aos cidadãos da Europa?

“A ideia de que a unidade europeia não é uniformidade ou imposição, mas é riqueza que vem de uma grande diversidade. Não somente dos povos europeus históricos, mas também dos novos povos que chegam. A Europa se faz, está em construção contínua desde as suas origens, e deveria saber conjugar estes dois elementos: promover a fraternidade, a partilha, a comunhão, a

unidade e, ao mesmo tempo, valorizar a grande diversidade cultural, a história particular de cada povo. Acho que a Mariápolis pode ser o novo cadinho no qual se aprende a se respeitar, se amar, a viver juntos”.

Portanto, a Mariápolis como “laboratório” de unidade para a Europa. Poder-se-ia objetar que se trata de uma perspectiva utópica...

“Os lugares da utopia são lugares imaginários nos

quais alguém sonha uma realidade que de fato não existe. A Mariápolis, pelo contrário, é um lugar diferente, não é utópico, mas real, e acho que seja necessário repropor experiências como esta, significativas, mesmo se pequenas, que mostrem como poderia ser o mundo se se vive de verdade a lei da fraternidade, do amor e da unidade”. ■

Claudia Di Lorenzi

Mariápolis europeia/2 – uma experiência de comunhão

Entrevista com Lucia Abignente que, com Giovanni Delama, reconstruiu a história das primeiras Mariápolis no livro Una città tutta d'or (Uma cidade toda de ouro, em tradução livre), que será publicado em setembro pela Città Nuova.

A primeira aconteceu há 70 anos nas Dolomitas trentinas. Era o verão de 1949 e Chiara Lubich, que em Trento compartilhava a escolha de viver o Evangelho com algumas companheiras, estava passando um período de férias em Tonadico di Primiero. Foi um momento decisivo na história do Movimento dos Focolares: uma experiência mística que permitiu que Chiara compreendesse o projeto de Deus para a Obra que estava nascendo: Obra de Maria. A partir daquele momento, experiências parecidas, chamadas Mariápolis, foram repetidas todos os anos durante o verão, e, com o passar do tempo, seriam replicadas no mundo inteiro.

Na história das Mariápolis, os 10 primeiros anos, de 1949 a 1959, foram particularmente significativos. Pode nos explicar o por quê?

Aqueles anos marcaram as origens da Mariápolis, a força do carisma da unidade, doado a Chiara por Deus por meio da Igreja, produziu frutos novos. Experimentava-se uma comunhão fortíssima, participada, enriquecida entre pessoas de todas as idades e classes sociais provenientes de diversos países do

mundo (em 1959 eram 12.000 de 27 países). É uma intensa experiência de Deus, um caminho de santidade que se faz juntos como irmãos. Delineia-se, assim, a realidade do povo de Deus que o Concílio Vaticano II colocará em luz.

Por que o nome Mariápolis?

O nome só surgiu em 1955: crescendo ao longo dos anos, essa convivência se configurou como se fosse uma cidade, um povo que se sentia guiado por Maria. O amor evangélico vivido entre todos gerava a presença do divino. As palavras de Jesus se tornavam realidade: “Onde dois ou mais estão reunidos em meu nome, eu estou no meio deles” (Mt, 18,20). É essa a realidade de luz que inspirou o título do livro.

Quais são as características principais desses encontros que, de diversos modos, acontecem ainda hoje?

Eu resumiria em uma palavra: comunhão, ou melhor, comunhões. A comunhão na Eucaristia, renovada cotidianamente; a comunhão na Palavra do Evangelho; a comunhão com os irmãos. É essa característica que deu um forte tom à experiência de 1949 e que reencontramos também nos anos seguintes. Daí nasce o empenho de continuar essa experiência nos lugares habituais em que se vive, para contribuir com o desígnio de amor de Deus sobre a Criação e sobre a realidade social que nos acolhe. ➡



O que lhe tocou nos relatos de quem participou das primeiras Mariápolis?

Ao encontrar aqueles testemunhos, pude constatar que a experiência da Mariápolis não é uma recordação, mas uma realidade ainda viva hoje. Dos relatos escritos, colhi uma autenticidade de uma vida vivida como corpo, em busca da unidade.

As Mariápolis produziram também frutos de grande alcance...

Primeiramente, a revista “Città Nuova”, que nasceu durante a Mariápolis para manter os participantes em contato quando voltassem para a casa. Depois, as Mariápolis “permanentes”, cidadelas internacionais estáveis, sobre as quais Chiara já falava em 1956. E os percursos de diálogo, que começaram com pessoas de outras igrejas cristãs, presentes em Fiera já em 1957, e com outras figuras carismáticas dentro da Igreja católica: caminhos de comunhão que se desenvolviam com o Concílio Vaticano II e com o Magistério seguinte. Além disso, são visíveis os primeiros sinais

do comprometimento do Movimento com realidades políticas e sociais.

Nas Mariápolis “permanentes” convivem pessoas de diferentes idades, países, culturas e denominações cristãs que colocam em prática o Evangelho. Realidade em que a diversidade se compõe em unidade. Nesta Europa fragmentada de nacionalismos e populismos, que mensagem vem dessas cidadelas? É muito significativo o que o Papa Francisco disse na cidadela de Loppiano há um ano sobre “mística do nós”, que nos faz caminhar juntos na história. Uma realidade já muito viva nas primeiras Mariápolis. Em 1959, por exemplo, apesar dos ecos da guerra, italianos e alemães, e pessoas de várias nacionalidades, superados todas as barreiras, consagram seu povo a Maria: querem fazê-lo juntos, como ato de amor recíproco que exprime a realidade de um único povo. ■

Claudia Di Lorenzi

Um pacto pela fraternidade dos povos



Na conclusão da Mariápolis europeia, Maria Voce relança o valor e a atualidade daquele pacto mundial pela fraternidade selado há sessenta anos. O discurso completo da Presidente do Movimento dos Focolares.

“Se um dia os homens, não como indivíduos, mas como povos, se um dia os povos souberem pospor eles mesmos, a ideia que eles têm de suas pátrias, os seus reinos, e oferecê-los como incenso ao Senhor, (...) e fizerem isto por aquele amor recíproco entre os Estados, que Deus pede, como pede o amor recíproco entre os irmãos, aquele dia será o início de uma era nova, porque naquele dia, tal como é viva a presença de Jesus entre dois que se amam em Cristo, estará vivo e presente Jesus entre os povos (...)”*.

É o dia 30 de agosto de 1959 e com estas palavras Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, esboça o sonho da unidade entre todos os povos, que se delinearão como a tarefa confiada por Deus para a humanidade ao Movimento nascente.

Enquanto os ecos da Segunda Guerra Mundial, com seus rancores e suas feridas, ainda ressoam, milhares de homens e mulheres de 27 países diferentes, representando todos os continentes, estreitam um pacto de unidade entre eles. É 22 de agosto, dia em que a Igreja católica celebra Maria Rainha e estamos no final da Mariápolis, no vale de Primiero.

À distância de sessenta anos, no dia 10 de agosto passado, a Mariápolis europeia, concluída recentemente

em Tonadico, quis celebrar o aniversário e relançar o valor e a atualidade daquele pacto pela fraternidade dos povos. Abaixo, o discurso de Maria Voce, presidente do Movimento dos Focolares.

“Sessenta anos atrás, nesses lugares, parlamentares de diferentes nações se uniram em uma oração para consagrar o próprio povo, e todos os povos da Terra, a Maria. Cada um trazia consigo as razões e as esperanças da própria gente e devia responder a elas, responsabilmente, com escolhas políticas apropriadas. Tinham diante desafios importantes, em uma época marcada por conflitos ideológicos que estavam polarizando o mundo em blocos contrapostos e constituíam uma ameaça para a paz. Depois da guerra, havia cidades a serem reconstruídas, e comunidades a serem restauradas, promovendo o desenvolvimento econômico, garantindo a legalidade e assegurando serviços à cidadania. Eram problemas urgentes aos quais corresponder com competência política e paixão civil. E, no entanto, aqueles políticos não se reuniram em uma mesa redonda, não organizaram uma cúpula internacional, mas rezaram pela unidade dos povos. Foi uma escolha incomum, certamente, mas prenhe de futuro.

O que se pede à política é que aja com competência e responsabilidade, que seja honesta e coerente, que tenha paixão e coragem. Mas o valor que mais qualifica a ação política é a longa visão do mundo, isto é, a capacidade de ver além, mais longe, para planejar as configurações futuras da sociedade e estimular o seu crescimento.

Sim, nos momentos de crise e de reconstrução, decifrar a mudança pode ser importante, intuir o futuro pode fazer a diferença. E quanto mais longe se sabe ver, mais incisiva e transformadora é a ação no presente.

Aqueles políticos que, há sessenta anos, pediram a Deus o dom da unidade e decidiram se comprometer com a sua realização, souberam ver muito além. Da sua adesão ao carisma de Chiara Lubich extraíram um grande ensinamento: o destino do cosmo é a unidade. Eles não receberam um esclarecimento apenas intelectual, porque a unidade era o estilo de vida e a norma da Mariápolis: dela se fazia experiência nos pequenos e grandes gestos e em escolhas diárias. A unidade vivida no Movimento nascente irradiava uma luz particular sobre as relações sociais que todos eram chamados a viver, em qualquer circunstância se encontrassem.



A unidade sempre se apresenta, em qualquer época, como um modo novo e revolucionário de conceber a vida e o mundo. Não é simplesmente um ideal como tantos outros, porque brota da própria oração que Jesus dirigiu ao Pai quando, erguendo os olhos para o céu, rezou para que todos fossem uma coisa só. A partir dessa invocação, a história humana adquire forma e significado. Não é por acaso que um dos primeiros políticos a seguir Chiara Lubich foi o parlamentar Iginio Giordani, que acolheu o ideal da unidade interpretando-o com a seguinte expressão eficaz: “a história é um quinto evangelho”, porque mostra a constante, progressiva, realização da oração de Jesus e, portanto, do desígnio de Deus para a Criação.

Tudo está em marcha na direção da unidade: isso significa que as mudanças sociais que podem transformar positivamente o presente, são aquelas que acompanham os cidadãos, as associações, os Estados, em direção a um mundo mais coeso e solidário. O que sustenta a cooperação, a paz, a aproximação das comunidades e dos grupos está em linha com o progresso autêntico e fundamenta o desenvolvimento. Em outras palavras, se se quer realizar o bem do próprio povo, é preciso ocupar-se do bem dos outros. Por isso, sobre as asas de uma mensagem profética sempre atual, Chiara Lubich continuou a difundir a mensagem da unidade, dirigindo-se aos políticos e a todos os cidadãos engajados no social com a exortação de “amar o partido do outro como o próprio”, de “amar a pátria do outro como a própria”.

Os desafios atuais não são menos urgentes do que os de sessenta anos atrás. Aliás, hoje é ainda mais evidente a necessidade de trabalhar pela unidade dos povos. Os processos globais em andamento mostram a interdependência planetária de Estados, nações e comunidades. É cada vez mais evidente que há um ➡

destino comum para todos os povos da Terra, e que os grandes temas da atualidade dizem respeito a questões vitais para todos: o cuidado do meio ambiente, as antigas e novas pobreza, os conflitos invisíveis e as guerras conclamadas, as migrações em escala global (com frequência, fruto precisamente da pobreza, das guerras e das mudanças climáticas), a redistribuição das riquezas, o acesso aos recursos naturais, o reconhecimento dos direitos humanos. São questões transversais às diferenças culturais, civis e políticas. Portanto, introduzem os povos em um circuito de constante confronto, a fim de amadurecer processos de integração política e de convergência decisória. Sim, hoje, o dever da humanidade exige, em alto e bom som, a unidade.

O Movimento dos Focolares está respondendo a este apelo, favorecendo o diálogo entre as diferentes partes políticas (por exemplo, com o Movimento Político pela Unidade), promovendo a comunhão de bens e a cultura do dar (com a Economia de Comunhão), aprofundando a doutrina da unidade (por exemplo, com o Instituto Universitário Sophia), dando impulso à unidade em âmbitos de empenho profissional e social e com muitas outras obras e iniciativas específicas (através de Humanidade Nova).

Também hoje, exatamente como há sessenta anos, podemos rezar a Deus pela unidade entre os povos da Terra. O meu desejo é que esta oração seja acompanhada por um compromisso renovado, assumido seja em nível pessoal seja comunitário, de viver pelo mundo unido. Difundiremos aqueles germes da mudança que são úteis para transformar o presente e para escrever páginas sempre novas da história da família humana em marcha rumo à unidade. ■

Maria Voce

(*) <http://www.centrochiaralubich.org/it/documenti/scritti/4-scritto-it/183-maria-regina-del-mondo.html>



imagens: © Ufficio stampa Mariapoli Europea



Paz, legalidade, direitos humanos: o compromisso dos jovens dos focolares para 2020

#intimeforpeace – em tempo para a paz: é o hashtag que exprime o empenho dos jovens dos Focolares para o próximo ano e o foco de laboratórios, workshop e cursos em diversas partes do mundo, começando por Loppiano (Itália).

Até maio de 2019 concentraram-se em ações e campanhas por uma Economia mais humana, de comunhão, atenta a quem vive em necessidade. Há alguns meses, os jovens dos Focolares começaram a trabalhar também nos vários âmbitos da Justiça. Sim, porque Economia e Justiça são os dois primeiros steps de Pathways for a United World: seis percursos com a duração de um ano cada um, sobre os quais se concentra o empenho e a ação dos Jovens por um Mundo Unido (JPMU) em todas as latitudes. “Cada ano enfrentamos um desafio diferente sem esquecer o compromisso assumido no ano precedente” – explica um dos organizadores – “o nosso empenho vai desde a economia até a política, a justiça, a arte, o diálogo entre as culturas e o desporto. Estamos realizando ações, colaborações e projetos baseados na fraternidade, com um impacto local que visa ao global”.

“In time for peace” é o slogan que resume o empenho para o próximo ano. Enquanto isso realizam-se muitas atividades de formação e troca “mundial” de experiências dos Gen e dos JPMU sobre os temas da justiça, da paz, da legalidade e dos direitos humanos.

De 7 a 22 de julho, em Loppiano (Itália), realizou-se uma Summer School com 40 jovens de muitos países, entre os quais Coreia, Hong Kong, Malta, Escócia, Itália, Brasil, Cuba, Myanmar, Polónia, Colômbia.

Maria Giovanna Rigatelli, advogada, da rede de Comunhão e Direito, uma das especialistas presentes, evidenciou a importância de experiências deste tipo

que permitem aos jovens de mergulharem tanto no patrimônio cultural como nas feridas dos diversos países com os quais entram em contato. «A situação mundial tem carência de conhecimento dos valores dos direitos dos homens. Durante a escola emergiu a importância do compromisso pessoal para contribuir, por exemplo, em relação ao drama das duas Coreias, ou em relação àquele de Hong Kong. Em muitos pontos do mundo pode-se acender uma luz com o nosso empenho».

«A nossa nação é dividida em duas – comentou Y., coreana – e temos muitas feridas que porém não justificam essa divisão. Para ter a paz devemos aprender a dialogar. Durante a escola pensei: se continuamos a amar, amar, amar, talvez, no fim conseguiremos a reunir as duas Coreias!».

Em relação à crise que está vivendo o seu país, D. explicou: «Antes da minha viagem para cá, aconteceram muitas coisas em Hong Kong que me fizeram pensar que a paz poderia não ser o único modo para resolver os problemas e que, talvez, às vezes, precisamos usar a violência. Sentia-me frustrado. Mas fiquei feliz com o que vivi aqui e pelas diversas pessoas que me falaram de paz. Este ano, vamos aprofundar e viver o “pathway” (caminho) dedicado aos direitos humanos, à justiça e à paz. Portanto, pergunto-me: é certo usar a violência, que as pessoas sejam feridas ou morram? Aqui, aprendi como amar os outros e como realizar o amor verdadeiro entre nós. Sei que percorrer o caminho da paz é difícil, mas penso que devemos procurar realizá-la sem usar a violência. Quando voltar para casa, quero viver aquilo que aprendi e experimentei em Loppiano para amar as pessoas em Hong Kong, também aquelas que odeio». ■

Letizia Spano

Up2MeProject: Por uma educação integral para a reciprocidade

Afetividade, sexualidade e relações interpessoais estão no centro deste percurso para adolescentes e famílias. Este ano, também se abre para a faixa etária das crianças. Conversamos com os cônjuges Barbara e Paolo Rovea

Sejamos honestos: construir relações que possam chamar-se como tal nunca foi fácil, ainda mais hoje, quando grande parte dos nossos relacionamentos são filtrados pela tecnologia e isso ocorre a partir da idade mais delicada. Crianças e adolescentes aprendem muito pela tela do celular, enquanto os pais de hoje estão no mínimo desorientados e continuamente buscando – de forma mais ou menos consciente – a chave para compreender e educar os próprios filhos quanto à afetividade e à sexualidade. É um desafio enorme se enfrentado sozinho, mas se torna possível se é vivido em sinergia entre famílias, animadores e especialistas.

O Up2MeProject (literalmente: “depende de mim”) parte justamente da recomposição do pacto educativo. Nasce para oferecer aos adolescentes, pré-adolescentes e a suas famílias um espaço personalizado, mas também compartilhado e sobretudo qualificado, para conhecer e enfrentar as emoções, para dar vida a relacionamentos positivos na família, na escola, nos grupos; definitivamente para oferecer instrumentos para construir um projeto de vida. Nascido no âmbito dos percursos educativos do Movimento dos Focolares, o projeto cresceu e está se difundindo em diversos países. Conversamos com o casal Barbara e Paolo Rovea, ela é fisioterapeuta e ele é médico, italianos, do comitê científico de Up2Me e membros do Centro Internacional de Famílias Novas.

Up2Me começou em 2016 com dois cursos pilotos na Itália e algumas experiências em diversos países do mundo. Como nasceu a ideia?

O projeto almeja que nossos filhos tenham uma formação integral – afetiva, sexual, emocional e orientar as escolhas fundamentais da vida – mas, frequentemente, se encontram de frente a tudo isso e não dispõem de instrumentos adequados. Muitos pais também não se sentem suficientemente preparados para o papel de educadores e as informações recebidas na escola ou pelas mídias em muitos casos não formam o valor da pessoa por inteiro nem educam para assumir responsabilidade nas escolhas e comportamentos.

Há a ideia de contribuir para formar uma “pessoa-relação” na base do projeto: do que se trata?

O estar-em-relação é a essência da pessoa humana, o

fundamento ontológico para favorecer um crescimento completo que veja crianças e adolescentes, segundo as características próprias da idade, protagonistas de escolhas conscientes e capazes de viver relacionamentos positivos, para o desenvolvimento harmonioso das dimensões biológica, emocional, intelectual, social, espiritual, histórico-ambiental.

Para poder se tornar instrutor de Up2Me e poder iniciar cursos é preciso frequentar uma escola internacional. Quais são as próximas turmas?

Para 2019, estão previstas três novas escolas: uma que será nas Filipinas, dirigida em particular ao continente asiático e à Austrália; a da Argentina será para os participantes das Américas; e a de Praga (República Tcheca) será voltada à Europa. Nessa última, será ativado pela primeira vez um curso específico para facilitadores do percurso Up2Me para crianças.



Up2Me conta com três cursos para adolescentes (9-11/12-14/15-17 anos). Qual é a metodologia?

É de tipo indutivo: sob a orientação de um instrutor, o método ajuda a desenvolver nos jovens a capacidade de obter o conhecimento de forma autônoma. Por meio de vídeos, jogos de papéis, atividades em grupo, os adolescentes e pré-adolescentes aprendem princípios gerais, formam uma consciência pessoal. Além disso, Up2Me oferece aos pais que desejarem um percurso paralelo com temáticas educativas relacionadas aos assuntos abordados pelos adolescentes. Há uma troca de experiências de vida e se descobre a educação como uma “missão possível”, acompanhados por um casal que já esteja casado. No percurso para as crianças, os pais se envolvem ativamente, acompanhados de facilitadores e especialistas e, juntamente com os filhos, se deparam com temas específicos por meio de jogos. Tudo isso para construir uma pessoa capaz de conhecer as emoções (reconhece-las em si, nos outros e aprender a administrá-las) e enfrentar temas como corpo, vida e morte. ■

Stefania Tanesini

Proteção integral de crianças e adolescentes

Acabou de entrar em vigor a nova versão das “Diretrizes do Movimento dos Focolares para a proteção integral e garantia dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes e de pessoas vulneráveis”. O texto atualizado pode ser baixado no nosso site.

No rastro do “Motu Proprio” do Papa Francisco sobre a proteção das crianças e adolescentes, publicado no dia 7 de maio de 2019, o Movimento dos Focolares atualiza as suas “Diretrizes do Movimento dos Focolares para a proteção integral e garantia dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes e de pessoas vulneráveis”. Muitas as novidades do texto, que assume também os princípios proclamados pelo Direito Internacional sobre o tema e guia as atividades da Comissão Central Permanente para a Proteção integral e garantia dos direitos fundamentais de crianças e adolescentes (Co.Be.Tu.), do Órgão de Vigilância e dos encarregados territoriais do Movimento. Mas quais são as novidades introduzidas? Perguntamos isto ao advogado Orazio Moscatello, membro do Co.Be.Tu.

“As novas Diretrizes reiteram os princípios gerais sobre os quais moldar a atividade com as crianças e os adolescentes, a obrigação jurídica dos responsáveis do Movimento de adotar todas as medidas necessárias com o objetivo de evitar que dentro dele se verifiquem abusos, além da obrigação moral – para todos os participantes do Movimento – de denunciar os casos de abuso e mau trato de que se vem a conhecer. A novidade é que o texto contempla todas as formas de abuso, não só o sexual, e os maus tratos, o stalking, o bullying entre adolescentes. Além disso, estabelece procedimentos transparentes em garantia de todas as partes envolvidas no fato, sendo primeiro de todos que as investigações internas voltadas à averiguação dos fatos não devam durar mais de 90 dias, considerados suficientes para escutar a vítima, a pessoa acusada, e para reunir a documentação sanitária que atesta o abuso. Atribuir um limite de tempo à atividade instrutória é um modo para fazer justiça às vítimas”.

Em chave de prevenção quais atividades são previstas?

“Antes de tudo a formação. Como nas diretrizes precedentes, é estabelecido que os adultos aos quais se pensa confiar crianças e adolescentes devam frequentar um curso de base durante o qual são aprofundadas temáticas ligadas à infância, sob o perfil psicológico, pedagógico, jurídico. Segundo as novas diretrizes, estes cursos devem ser repetidos a cada dois anos e no final dos mesmos é efetuada uma averiguação para avaliar a idoneidade a realizar atividades com as crianças e adoles-



Avv. Orazio Moscatello, membro del Co.Be.Tu.

centes. Além disso, são reforçadas as indicações sobre os ambientes, a relação com as famílias, e os protocolos em situações de emergência”.

A obrigação de denúncia à autoridade judiciária é prevista só em alguns países. O Movimento dos Focolares, está presente no mundo inteiro, como se coloca diante deste tema?

“O Movimento dos Focolares, no novo documento aprovado, salientou antes de tudo a obrigação jurídica, no que se refere aos responsáveis do Movimento, de adotar todas as cautelas possíveis a fim de que não se verifiquem abusos de todos os gêneros para com as crianças e adolescentes e as pessoas vulneráveis. Entre estas cautelas obviamente está compreendido o controle e a atenta vigilância a fim de que o conteúdo das Diretrizes seja conhecido e aplicado em todos os lugares do mundo onde está presente uma comunidade dos Focolares. Depois, todos os adultos participantes do Movimento têm – como foi dito – a obrigação moral de denunciar aos órgãos internos prepostos os casos de abuso de que vêm a conhecer. Isto vale em todos os países e sobre isto consideramos que deva haver ‘tolerância zero’. Em relação à comunicação à autoridade judiciária, a ser efetuada no final do processo interno e em seguida a uma verificada verossimilhança dos fatos expostos na denúncia, o Movimento seguirá as indicações das conferências episcopais e das normativas nacionais. Para tanto, na presença de uma obrigação jurídica ou moral de denúncia, os responsáveis encaminharão uma exposição à autoridade judiciária competente, contendo um detalhado relatório de tudo o que foi averiguado, garantindo a mais estreita colaboração com ela e transmitindo todas as informações em seu possesso. Independentemente de qualquer obrigação de denúncia, o Movimento dos Focolares encorajará as vítimas a encaminhar diretamente ➡

a denúncia à autoridade judiciária, as acompanhando e garantindo a própria proximidade às mesmas.

Sobre este aspecto, devemos registrar que as Conferências episcopais dos vários países estão se orientando a reconhecer, como quer que seja, a obrigação moral de denúncia por parte dos bispos que averiguam abusos na sua diocese. Para retornar às Diretrizes do Movimento dos Focolares, só no caso de motivada dissensão dos pais, que querem assim proteger o menor, se evitará a comunicação à autoridade judiciária. Neste caso, porém, sentimos o dever de acompanhar os pais dando ampla assistência legal e psicológica. É evidente que lá onde a normativa nacional preveja a obrigação jurídica de denúncia, a exposição às autoridades judiciárias será enviada em todo caso. Sempre que do processo interno sejam emersas situações de abuso no âmbito da família, para a maior proteção integral do menor, será necessário de qualquer modo a exposição às autoridades competentes. Permanece sempre válida a faculdade de cada membro do Movimento dos Focolares de apresentar, em via autônoma, a denúncia ou a assinalação junto à autoridade judiciária competente”.

Diante da averiguação interna do abuso, que procedimento se encaminha?

“Para os clérigos, como previsto pelo direito canônico, o Movimento fará comunicação ao bispo da diocese em que o abuso se verificou, por isso a competência da averiguação dos fatos será prerrogativa da autoridade

eclesiástica. O Movimento nestes casos não dará início a um próprio processo interno, mas tomará nota das decisões da autoridade eclesiástica e disporá as providências internas para com o consagrado: demissões, afastamento ou sanções mais leves de acordo com a gravidade do fato. Em relação aos leigos, um procedimento interno verificará a verossimilhança da acusação: se os fatos forem comprovados será decretada uma sanção. A respeito das crianças e adolescentes responsáveis de abuso contra outras crianças e adolescentes – uma outra novidade das diretrizes – e falamos de bullying, mas também de abuso sexual, além da averiguação dos fatos se ajudará o menor a iniciar um percurso de conscientização da gravidade dos atos realizados que lhe consinta poder participar novamente das atividades. Isso será levado adiante em colaboração com a família. Nos casos graves será, de qualquer modo, enviada a denúncia à autoridade judiciária juvenil. Aquilo que iguala os três casos é a adoção, lá onde chegue uma denúncia, de providências cautelares. À espera de verificar se os fatos são ou não verossímeis, é mais do que nunca oportuno afastar a pessoa acusada de toda atividade com as crianças e adolescentes”.

Que tipo de suporte é previsto para as vítimas?

“Recebida a denúncia de abuso, o Movimento toma medidas para oferecer às vítimas toda a assistência possível seja sob o perfil psicológico seja legal, através dos próprios especialistas”. ■

Claudia Di Lorenzi

Evangelho vivido

A lógica de Jesus e do Evangelho é sempre receber para compartilhar, nunca acumular para si mesmos. É um convite, também para todos nós, para reconhecer o que recebemos: energias, talentos, capacidades, bens materiais, e colocá-los a serviço dos outros.

A taxa de inscrição

Sou responsável por uma hospedaria para estudantes numa aldeia do Punjab. No dia da inscrição para o exame de maturidade, dois irmãos vêm me dizer que não têm o dinheiro para se inscrever. Infelizmente nem mesmo eu tenho os meios para os ajudar. Mas não encontro paz pensando naqueles jovens e dois dias depois, juntando algumas economias, sem que eles saibam mando ao escritório da provedoria os respectivos requerimentos de inscrição. No mesmo dia recebo a oferta de um grande trabalho nos campos com o meu trator.

M.A. – Paquistão



O troco a mais

Raramente no caixa confiro o troco, porque estou sempre com pressa. Uma noite, porém, já a caminho de casa, faço este controle. O troco a mais não é muito, mas acho que o caixa poderia ter problemas se no fim do expediente as contas não batem. Portanto, volto atrás para devolver o que não me pertence.

Annalisa – Suíça



O “Tempo da Criação”

Com o dia mundial de oração pelo cuidado da criação, no dia 1º de setembro iniciará um mês rico de iniciativas pelo cuidado do meio ambiente e não só. Entrevista com Cecilia Dall’Oglio do Global Catholic Climate Movement.

O que têm em comum a questão ambiental e o Ecu- menismo?

Muito, aliás, muitíssimo se se considera que em 1989 foi o patriarca da Igreja Ortodoxa de Constantinopla, Demétrio, a dar o impulso decisivo às diversas Igrejas cristãs para declarar conjuntamente o dia 1º de setembro Dia mundial de oração pelo cuidado da Criação.

Neste ano a celebração se insere num ano carregado de ações globais pelo clima, graças inclusive à aceleração impressa pelos milhões de jovens que, com Greta Thunberg, se mobilizaram e sacudiram consciências e bateram às portas dos Parlamentos.

“Não só os indivíduos, mas também as nossas comunidades deveriam se interrogar sobre a sustentabilidade ambiental das suas atividades”, defende Luca Fiorani, físico e coordenador internacional de EcoOne, movimento cultural que se inspira na espiritualidade dos Focolares em campo ambiental. “E para começar a mudar a mentalidade e adotar um estilo de vida ecológico é preciso antes de tudo se informar. Faço publicidade de mim mesmo: acabei de publicar um pequeno livro de menos de 80 páginas: “O sonho (louco) de Francisco. Pequeno manual (científico) de ecologia integral”. Conduzo pela mão o leitor entre os conceitos chave da encíclica Laudato Si’, os recentes resultados da negociação internacional sobre as mudanças climáticas e os dados científicos mais atualizados sobre o estado de saúde do nosso planeta”.

Luca Fiorani nos explica também que faz uns dez anos que EcoOne colabora com o Global Catholic Climate Movement. Cecilia Dall’Oglio é responsável pelos programas da organização e lhe dirigimos algumas perguntas.

Quais são as suas motivações pessoais de compromisso pelo meio ambiente?

O desejo de não abandonar os meus irmãos e irmãs no mundo, que sofrem pelas mesmas causas pelas quais sofre a nossa Mãe Terra. O desejo de dar a minha contribuição a fim de que outros possam fazer a experiência direta de encontro, que pude fazer eu, com testemunhas de esperança, de Igreja viva empenhada pela justiça social.

Na Laudato Si’ o Papa Francisco nos recorda, de fato, que não há duas crises diferentes, ambiental e social; mas uma única crise socioambiental a ser enfrentada com “uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (LS 139). Eu me empenhei por mais de vinte anos com a FOCSIV na coordenação de campanhas pela justiça social junto com os departamentos da CEI e com as agremiações leigas católicas e gostaria aqui de lembrar de modo especial o querido Marco Aquini do Movimento dos Focolares. Este anúncio, esta resistência ativa, deve ser realmente eficaz e libertar o pobre que grita e por isso agora estou feliz por colher o desafio atual a serviço do Global Catholic Climate Movement do qual o Movimento dos Focolares é membro ativo.

Qual é o “algo mais” que a fé pode levar ao movimento ambiental?

A fé é fundamental para levar ao campo ambientalista a abordagem da ecologia integral. A conversão ecológica e a adoção de novos estilos de vida são propostas para a alegria plena, aquela “sobriedade feliz” de que fala também o Instrumentum laboris do Sínodo especial da Amazônia, a plenitude da vida, a verdadeira liberdade. Todos os cristãos são chamados a serem guardiões da Criação de Deus porque “Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa.” (LS 217). O Global Catholic Climate



Movement nasceu em 2015 para apoiar as comunidades católicas no mundo inteiro na resposta ao apelo urgente do Papa Francisco na *Laudato Si'* através de uma conversão ecológica em nível espiritual que conduza a estilos de vida renovados e a uma participação conjunta dos católicos nas mobilizações pela justiça climática.

O que é o “Tempo da Criação” e o que cada um de nós pode fazer para aderir?

O Tempo da Criação é um “tempo favorável”, um Kairós, durante o qual rezar e agir pelo cuidado da nossa casa comum. Acontece a cada ano de 1º de setembro, Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, a 4 de outubro, festa de São Francisco, e é celebrado por milhares de cristãos em todo o mundo. O tema deste ano, “A rede da vida: biodiversida-

de como dom de Deus”, é estreitamente conectado ao Sínodo dos Bispos para a região Pan Amazônica que acontecerá no próximo mês de outubro. Milhares de cristãos em todo o mundo celebram o tempo da criação realizando eventos. No site do Tempo da Criação estão disponíveis o guia para as celebrações e outros instrumentos em várias línguas.

Graças ao tema escolhido para as celebrações, os eventos realizados farão sentir a nossa proximidade aos irmãos e irmãs na Amazônia e a todos aqueles que sofrem pela “mentalidade extrativista” que está destruindo não só a Amazônia, mas toda a Criação e são, portanto, um claro sinal da comunhão eclesial e do apoio na caminhada da Igreja rumo ao Sínodo. ■

Stefania Tanesini

Evangelho vivido

Percorrendo o Evangelho, vemos que Jesus sempre convida a dar – escreveu Chiara Lubich em 2006 –: dar aos pobres, a quem pede, a quem deseja um empréstimo. Dar de comer a quem tem fome. Dar o manto a quem pede a túnica. Dar gratuitamente

O desafio

Um dia uma colega me mostra um folheto, me dizendo que era uma frase do Evangelho com um comentário que ajudava a vivê-la. Leio: “Amai os vossos inimigos”. Penso nisso e no dia seguinte me sinto pronta para aceitar o desafio. Encontro na cozinha a minha mãe, com quem não falo há dois meses. Eu me sento para tomar o café com ela. “Dormiu bem?”, lhe pergunto. À tarde, o meu irmão vem ao meu quarto para me pedir emprestado um suéter. “Abra o armário e escolha aquele que quiser!”, lhe respondo. São pequenos fatos, mas já me sinto diferente.

A.F. – Italia

A vida que Deus acendeu

Sou turca, muçulmana. Quando eu falei a meu marido, Sahib, da suspeita de estar grávida pela quarta vez, ele começou a elencar todos os sacrifícios que nós iríamos enfrentar. Completamente confusa, perguntei à ginecologista se ainda havia tempo para fazer um aborto. Ela me respondeu que bastava eu entrar na fila. Interiormente eu percebia que ninguém no mundo tinha a autoridade para apagar uma vida que Deus havia acendido. Os meses sucessivos foram muito difíceis, mas eu estava decidida a lutar. Várias amigas, cristãs e muçulmanas, estiveram ao meu lado. Lendo o Alcorão eu sentia o calor de Deus, que me dava força. Aos poucos Sahib reencontrou a paz. Jamais estivemos tão felizes quanto com esta criança. Com ela Deus veio morar na nossa casa.

F.O. – Alemanha



Maria Voce aos Secretários Gerais da CCEE

A presidente dos Focolares, Maria Voce, fala brevemente sobre a sua participação no encontro anual dos Secretários Gerais das Conferências Episcopais da Europa (CCEE) realizada em Birmingham (Reino Unido) de 1° a 4 de julho.

O núcleo da agenda, o relacionamento entre instituição e as realidades carismáticas nas Igrejas da Europa hoje.

“Particpei nesses dias do encontro dos Secretários Gerais das Conferências Episcopais da Europa, junto com Jesús Moran. Fui convidada porque eles tinham escolhido como tema a presença do carisma e das instituições nas Igrejas da Europa e a sua coexistência, a interação entre eles. Quiseram colocar na pauta de todo esse encontro, que dura quatro dias, justamente esses dois temas principais; um confiado a um bispo para a parte institucional e outro confiado a mim para a parte carismática.

Devo dizer que me receberam com grande afeto, com grande estima. Quando eu falei, senti uma profunda compreensão daquilo que estava dizendo e uma escuta excepcional, posso mesmo afirmar.

Depois discutiram sobre este tema por uma hora em grupos e a seguir quiseram nos encontrar para aprofundar com grande atenção alguns aspectos do tema. Notei em todos uma grande estima pelo Movimento e uma nova consideração por todos os Movimentos e pela contribuição que dão às Igrejas Europeias. Agora vão continuar os trabalhos, tratando os mesmos assun-



tos, mas agradeceram realmente porque sentiam que a nossa presença representava justamente esta realidade carismática. De modo especial, quando se falou da integração entre o perfil mariano e o perfil petrino na Igreja, ficaram muito agradecidos ao verem que isso foi apresentado por uma pessoa de um Movimento, como o Movimento dos Focolares, pela presidente, e de modo especial por uma mulher; portanto, eram muito gratos por esta presença e, na verdade, eu era a única mulher em meio a cerca de quarenta sacerdotes, entre eles seis bispos que representavam as várias Conferências Episcopais da Europa. No início o cardeal de Westminster e o arcebispo de Birmingham nos acolheram e demonstraram realmente, também eles, uma grandíssima acolhida e um grande amor pelo Movimento e por mim pessoalmente. Portanto, agradeço realmente todos aqueles que me acompanharam”. ■

A redação

Católicos e protestantes unidos pela reconciliação na Irlanda do Norte

Na Mariápolis Europeia, a história de uma amizade possível que lança sementes de paz

Abrir-se e “escolher um estilo de vida inclusivo”. Abrir-se para reconciliar-se com o outro e descobrir a pérola que está dentro de cada homem. Abrir-se como Jesus, que foi ao encontro de todos, e deixar agir o Espírito Santo “que se alegra na diversidade, mas persegue a unidade”. É essa a estrada que o Rev. Ken Newell, bispo presbiteriano em Belfast, capital da Irlanda do Norte, percorre há muitos anos.

Uma terra que ainda hoje sofre com as feridas deixadas pelo conflito que, desde o fim dos anos 60, durante

30 anos, viu se contraporem unionistas e separatistas: os primeiros, protestantes, defensores da permanência no Reino Unido; os segundos, católicos, defensores da reunificação entre Irlanda do Norte e do Sul. Um conflito de origem política que envenenou o tecido social, transformando as cidades em terreno de batalha e levando à “segregação religiosa”: protestantes e católicos vivem em bairros diferentes, as comunidades não se encontram, há desconfiança e preconceito.

Não foi fácil para o reverendo Ken tentar construir pontes. Teve de fazer o primeiro trabalho ele mesmo: “Cresci em Belfast, em uma comunidade



protestante e unionista”, contou na Mariápolis Europeia, “nos meus primeiros anos de vida, fui moldado pela cultura da minha comunidade (...); muitas coisas eram saudáveis, boas e serenas; outros aspectos, no entanto, me influenciaram a ter atitudes negativas com relação à comunidade católica, irlandesa e nacionalista; para superar isso, foram necessários alguns anos”.

Um percurso que viu abrir-se lentamente e descobrindo a beleza da diversidade. Como quando na Holanda o encontro com um sacerdote o convenceu a participar de uma missa. Ou na Indonésia, onde, sendo professor de um seminário do Timor, pôde imergir em um país diferente, com língua, comida e cultura próprias. “Comecei a perceber que, justamente como há cores diferentes em um arco-íris, assim também Deus criou a raça humana com uma diversidade incrível; valorizar a cultura de Timor me ensinou a valorizar o bem dentro da minha cultura”. No vínculo com o sacerdote Noel Carrel, houve a descoberta de uma amizade possível: “percebemos que estávamos no Timor para servir o único Cristo, que tínhamos o mesmo pai celeste e éramos irmãos. Eu me perguntava se teria sido possível ter um amigo assim na Irlanda do Norte”. E disso saiu uma consciência clara: “O Espírito Santo fez com que eu me abrisse à ‘diversidade’ do outro lado do mundo e me impulsionou a procurar o melhor da cultura e da espiritualidade católica irlandesa”.

Ao voltar a Belfast, em 76, foi chamado a comandar a Igreja presbiteriana de Fitzroy: seu estilo de vida inclusivo era contracorrente. Em um dos momentos mais difíceis do conflito, seu convite a construir novas relações foi acolhido pelos membros de um mosteiro redentorista em Clonard: assim nasceu a Clonard-Fitzroy Fellowship.

A amizade humana e espiritual com o Padre Gerry Reynolds, que dirigia a Comunidade de Clonard, “companheiro na construção da paz”, dá vida a muitas

experiências de partilha: “Começamos a ir juntos aos funerais de policiais assassinados por terroristas e de civis inocentes assassinados por grupos paramilitares legalistas; é raro ver ministros protestantes e sacerdotes católicos juntos em funerais para confortar os familiares dos falecidos”. E depois de participar das celebrações um do outro, P. Gerry e Rev. Ken começam a participar juntos de matrimônios entre pessoas de Igrejas diferentes.

E tornou-se possível outro passo impensado: o sacerdote e o ministro foram convidados a encontros com os líderes políticos dos lados que lutavam, para chegar a um cessar fogo e adotar políticas de paz. Pouco a pouco, políticos dos principais partidos da Irlanda do Norte, o Partido Democrático Unionista (DUP), que defende permanecer no Reino Unido, e o Sinn Fein, que defende a união das Irlandas, reconhecem na Clonard – Fitzroy Fellowship um “espaço seguro” para confrontar-se. Cresce o desejo de reconciliação que levará, em 2007, ao “milagre de Belfast”: “em Stormont, o palácio do governo da Irlanda do Norte”, conta o Rev. Newell, “o Rev. Ian Paisley, primeiro ministro do poder executivo dividido, e o vice primeiro ministro, Martin McGuinness, ex-comandante do IRA, desceram a escada de mármore, sentaram-se lado a lado diante da imprensa mundial e dirigiram-se ao povo da Irlanda do Norte; falaram de sua determinação em conduzir o país para um futuro melhor e mais reconciliado”. Era a aurora de um novo dia.

A Clonard-Fitzroy Fellowship, que já opera há 38 anos e inspirou milhares de iniciativas similares, recebeu em 1999 o prêmio internacional de paz Pax Christi. ■

Claudia di Lorenzi





Recomeçar... da base

Na Áustria 61 bispos católicos amigos do Movimento dos Focolares reuniram-se para um meeting internacional. As “feridas” da Igreja e os desafios atuais das comunidades cristãs foram o centro das reflexões numa reunião enriquecida por aprofundamentos de espiritualidade e partilha de vida fraterna.

Uma espécie de tsunami atingiu a Igreja nestes últimos anos. Se já há algum tempo, em muitos países tradicionalmente cristãos, a instituição parecia estar em recessão, as notícias sobre abusos escandalosos atingiram a sua credibilidade desde a base.

Mas essa não é a única chaga que aflige as comunidades cristãs em nível mundial. A urbanização, a pobreza, as situações de guerra, a corrupção na sociedade e na própria Igreja, as pressões políticas e culturais, as várias formas de intolerância e de fundamentalismo religioso, a falta de oportunidades de desenvolvimento e os riscos ambientais, tiram o respiro e a esperança de muitos.

Foram apenas algumas das “feridas” que 61 bispos de quatro continentes que conhecem e vivem a espiritualidade dos Focolares compartilharam, de 2 a 10 de agosto passado, perto de Graz, na Áustria. Apesar de terem se reunido para um encontro de aprofundamento espiritual para dias de convivência fraterna, os bispos puseram-se à escuta do “grito” das suas comunidades. Ao contrário, como testemunhar um Deus crucificado e ressuscitado que assumiu e respondeu a todos os males?!

Não nos devemos bloquear diante dos vários fenômenos – refletiram – nem ceder ao pessimismo, mas ir às suas raízes. Entre estas, na Igreja, foram evidenciados o individualismo e o clericalismo, um deficit na formação e no testemunho coerente, a necessidade de uma espiritualidade sólida e de acompanhamento, a necessidade de crescer na capacidade de escuta e diálogo.

De que modo responder a estes desafios? Não a partir do alto, iludindo-se de poder impor soluções, mas a

partir da base, percorrendo a estrada de Jesus que se fez pequeno, aliás fez-se nada, para ser dádiva, amou ao extremo e assim gerou a fraternidade. Olhar a situação desta perspectiva permite descobrir potencialidades de bem também onde, à primeira vista, parece que existe apenas o mal.

É a estrada pela qual estes bispos querem caminhar com decisão, cientes de que se trata – como recomenda a Exortação Apostólica “Evangelii gaudium” – de iniciar processos que só com o tempo trarão resultados e frutos. Hoje não é pedido menos: com fidelidade às origens, explorar novos modos de ser Igreja. Com pistas bem precisas, entre as quais: fundamentar o anúncio e a catequese na vivência do Evangelho e na comunhão de vida; formar para a espiritualidade de comunhão e para o “nós” eclesial e social; suscitar “células vivas”; saber escutar também quem pensa diferente.



“Sejam um grupo alegre” foi o augúrio do Papa Francisco para este meeting de bispos amigos do Movimento dos Focolares. E assim foi. Porque, na comunhão sincera entre todos, eles fizeram experiência de Deus. E com isso tudo muda, desde a raiz. Somente do ser pode nascer um iluminado agir. ■

Hubertus Blaumeiser



Viver com “V” maiúsculo

No jargão internacional se chamam “expats”: são os jovens expatriados que encontraram emprego e re-fizeram uma vida para si no exterior. Cada um tem as próprias razões, cada um a sua história. Mitty, italiana, faz pesquisa sobre biossensores de glicose em uma universidade japonesa e vive na comunidade do Focolare de Tóquio.

“Hoje a tecnologia tem um enorme poder em todos os campos e também no da saúde. Eu me sinto chamada a trabalhar neste campo para contribuir para dirigir a pesquisa técnica segundo escolhas éticas e não comerciais. Às vezes somos precisamente nós, engenheiros biomédicos, a inventar coisas que fazem com que o homem se torne um robô, mas não servem para a sua saúde”.

Não há dúvidas: Maria Antonietta Casulli, para todos Mitty, tem as ideias claras. Estudou Engenharia biomédica na Itália, mas para o trabalho de conclusão de curso se mudou para a Suíça, na prestigiosa Ecole polytechnique fédérale de Lausanne (EPFL – Escola Politécnica federal de Lausanne) onde sucessivamente ganhou um doutorado de pesquisa. Portanto, todos os pressupostos para uma carreira totalmente em ascensão estavam presentes: um salário consistente, uma bela casa com vista para o lago de Genebra, ótimos amigos. O que podia querer mais?

“E, no entanto – conta Mitty –, alguma coisa não funcionava: era o ano de 2013; estávamos em plena crise econômica e eu tinha uma vida perfeita. Mas do outro lado dos Alpes, na Itália, muitos amigos meus arriscavam se deprimir porque não encontravam emprego e eu não queria me fechar numa vida feita de carreira e dinheiro. Mas o golpe de misericórdia me foi dado por uma viagem às Filipinas onde me encontrei bem no meio de um dos tufões mais potentes e devastadores do mundo: o tufão Yolanda.

O contraste que experimentei era enorme: este povo não tinha nada do que eu e os meus amigos tínhamos, mas vivia com “v” maiúsculo; a vida deles era plena, rica de relações e grande dignidade. Paradoxalmente

isto me parecia o remédio para a crise que o meu continente, a Europa, estava atravessando: não se tratava só de uma crise econômica; era muito mais: um vazio dos valores fundamentais da vida”.

Depois daquela viagem, Mitty não volta mais para a Suíça porque sente que deve retribuir a Deus aquela vida plena que Ele lhe deu. E assim, após um período na escola de formação dos focolarinos, faz dois anos que se encontra no Japão, onde vive na comunidade do Focolare de Tóquio. O estudo da língua a absorveu e, portanto, está fora do mundo do trabalho faz bem cinco anos. Poderia voltar a fazer pesquisa, sobretudo numa sociedade como a japonesa?

“Justamente enquanto eu me fazia estas perguntas, um amigo de passagem me fala de um professor japonês, católico, de uma universidade de Tóquio que faz pesquisa nada menos do que sobre os biossensores de glicose: o assunto do meu TCC!”

Tendo em vista que as probabilidades de encontrar alguém no Japão que se ocupe dos seus mesmos estudos são quase que nulas, Mitty compreende que Deus está em ação na sua vida e em seguida lhe dará contínuas provas disto. O professor lhe oferece a possibilidade de fazer o doutorado, mas de qualquer forma permanece um problema: “No Japão eu não teria um salário como na Suíça, aliás, deveria até mesmo eu pagar”.

Também neste caso a resposta de Deus é surpreendente. Quase por acaso, Mitty se encontra fazendo uma entrevista diante de seis empresários de várias firmas japonesas: uma situação bastante difícil para uma jovem mulher estrangeira.

“Senti que Deus estava comigo e que, no final, todos eles não eram senão pessoas a serem amadas. Isto mudou o meu modo de expor o projeto ou de ouvi-los nas várias intervenções. Durante uma hora falei do meu projeto, mas na que veio em seguida, respondi às perguntas deles sobre a minha escolha de vida como focolarina e de porque eu me encontrava no Japão. Recebi 100% dos financiamentos para o projeto e devo dizer que vi o poder de Deus abrir estrada nesta cultura e nestes ambientes num mundo que eu nunca teria imaginado.

Depois, nem sequer 2 meses após o início do meu doutorado, o meu ex-professor suíço veio a Tóquio e pudemos organizar um seminário na minha nova universidade. Durante o jantar, observando os dois professores conversarem, me pareceu entender o que Deus quer agora de mim. Não só fazer pesquisa, mas construir pontes: entre universidades e empresas, entre Oriente e Ocidente. A mim cabe somente continuar a ser toda de Deus”. ■

Stefania Tanesini

Criar espaços de comunhão entre famílias carismáticas

De 1 a 5 de julho, na cidadela ecumênica dos Focolares na Alemanha reuniram-se 100 consagradas e religiosos membros de várias comunidades e Movimentos, pertencentes a 50 Ordens religiosas, congregações e institutos de seis países e de várias Igrejas. Conversamos sobre o significado deste encontro com a Ir. Tiziana Longhitano, SFP, e com o Padre Salvo D'Orto, OMI, que coordenam as atividades dos consagrados e das consagradas que participam do Movimento dos Focolares.

P. Salvo: Consideramos este encontro uma etapa de um percurso e de uma experiência de mais de dez anos. Desta vez, o encontro alcançou uma maturidade eclesial considerável graças ao envolvimento da Conferência dos Superiores das Ordens Alemãs, desde a preparação.

Sr. Tiziana: É evidente que estamos diante de uma “mesa ideal” onde se encontram carismas antigos e novos para um enriquecimento recíproco. Existe uma troca viva e criativa onde cada um oferece a própria contribuição como sinal de uma profunda participação na vida de todos e, ao mesmo tempo, fica enriquecido e nutrido espiritualmente. A participação, pelo segundo ano consecutivo, do Prefeito da Congregação Vaticana dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, cardeal João Braz De Aviz, salienta que este intercâmbio é necessário na vida da Igreja e da humanidade.

Qual foi o papel do Movimento dos Focolares neste evento?

P. Salvo: O Movimento dos Focolares foi o promotor do encontro na multiplicidade das suas vocações, porque estiveram envolvidos, juntamente com as consagradas e os consagrados, também focolarinas, focolarinos, voluntários e voluntárias de Deus, pertencentes a Igrejas diferentes.

Ir. Tiziana: O Movimento propôs um espaço de comunhão e de unidade. Existem outros organismos que permitem às religiosas e aos religiosos encontrarem-se, mas o Movimento dos Focolares oferece um espaço carismático, no qual cada carisma sente-se à vontade e acolhe com uma harmonia relacional, que é o pano-de-fundo para cada palavra, cada expressão verbal e não-verbal.

Abriam-se novas pistas ou projetos concretos de colaboração? Como coordenadores dos consagrados e das consagradas do Movimento dos Focolares, como vocês vem o futuro depois deste encontro?

P. Salvo: Pela presença e o grande número de inter-

venções de expoentes significativos de várias Igrejas, o encontro teve um carácter decisivamente ecumênico. Por isso acreditamos que a colaboração crescerá, abrindo-se, nas próximas edições, à participação de consagrados de Igrejas diferentes. Provavelmente, também abriremos à participação de leigos que compartilham os carismas dos fundadores das Ordens. A presidente da Conferência dos Superiores das Ordens Alemãs, Ir. Katharina Kluitmann, esperava também um envolvimento de outros movimentos eclesiais para uma comunhão ainda mais ampla da dimensão carismática e profética das Igrejas, principalmente na Alemanha, Áustria e Suíça. O futuro que se abre depois deste encontro é de plena confiança nas potencialidades do Movimento dos Focolares em criar “espaços” de comunhão e de enriquecimento recíproco para as Ordens religiosas. Nesta linha, estamos preparando, para o próximo ano, um evento entre os que serão dedicados ao Centenário do nascimento de Chiara Lubich, sobre o relacionamento entre o Carisma da Unidade e os demais carismas: será realizado em Castelgandolfo, nos dias 8 e 9 de fevereiro de 2020.

Ir. Tiziana: Este evento de fevereiro será uma etapa importante no caminho de unidade entre consagrados e leigos que se sentem chamados, no próprio estado de vida, a compartilhar os carismas dos fundadores e a participar da mesma realidade carismática dos religiosos. O Papa Francisco salienta que, deste modo, forma-se uma família ainda maior, a “família carismática”, na qual, consagrados e leigos reconhecem-se nos mesmo carisma. Em fevereiro, queremos promover uma maior unidade entre as famílias carismáticas favorecendo a comunhão entre as instituições religiosas. Parece-nos que é esta a profecia do presente e do futuro da Igreja e da humanidade no caminho em direção ao “ut omnes unum sint” (que todos sejam um; n.d.r.) que Jesus pediu ao Pai. ■

Editado por Anna Lisa Innocenti



Tonino: um cristão autêntico

Antonio De Sanctis nos deixou no dia 21 de junho. Encarnou esplendidamente a figura do “voluntário de Deus” que, para o Movimento dos Focolares, inclui pessoas com uma dedicação especial ao social.

Tonino, como era chamado por todos, nos deixou no último dia 21 de junho. Morava em Frascati, uma bela cidadezinha nos Castelos Romanos, próxima a Roma, Itália. Encarnou esplendidamente a figura do voluntário de Deus que, para o Movimento dos Focolares, inclui pessoas com uma dedicação especial ao social, promotoras de ações em benefício da humanidade. As iniciativas de que ele participou pessoalmente e comunitariamente são muitas e foi ele quem inspirou algumas delas. Marido fiel e atento de Maria; pai presente, trabalhador incansável; cidadão empenhado e capaz de criar relacionamentos autenticamente fraternos, Torino encontrou na coletividade o lugar onde tornar visível a presença de Deus e da Igreja, sem o temor de romper inúteis retidões ou convenções sociais.

Atento aos últimos, as palavras das Obras de Misericórdia, preceitos imprescindíveis a um cristão, definem bem sua vida: “Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era estrangeiro e me hospedastes; estava nu e me vestistes; estava doente e fostes me visitar; estava preso e fostes me ver...”. São essas últimas que lhe conotam fortemente a existência dedicada a sustentar diversos presos e seus familiares.

Uma ocasião fortuita assinala o início. Na prisão, há muitos jovens. Um dia, ouviu de uma irmã voluntária um comentário doloroso sobre “os pacotes de revistas pornográficas” que entram naquele lugar. “Voltei para casa com esse pensamento e na praça principal encontrei o pároco de uma cidadezinha vizinha, um velho amigo meu. E confiei a ele imediatamente minha perplexidade. Ele respondeu: ‘Venha no próximo domingo até os meus paroquianos e conte a eles isso que você me contou, assim pode recolher as ofertas para mandar a revista Cidade Nova aos presos’”. Foi o início: durante muitos anos, nos domingos, em várias missas entre o Sul de Roma e os Castelos Romanos, com sua voz inconfundível, modesta e tímida, conta seu empenho para com os presos e pede doações para assinar a revista do Movimento dos Focolares. São dezenas de número mandados a várias prisões que ele frequentava. A partir de fevereiro de 2012, a Cidade Nova italiana, Città Nuova, com o título: “O arco-íris além das barras”, publicou em quatro partes as expe-



riências de Tonino e sua família com o típico sabor das “florzinhas de São Francisco”.

Em alguns casos, mesmo parecendo ser arriscado, não hesitou em acolher detentos em casa. Para muitos deles, ele era um segundo pai, mesmo quando voltavam a ser homens livres. O trecho da carta de MG dá uma amostra: “Na sua casa, finalmente me senti ‘em casa’. Em nenhum outro lugar tive essa sensação de pertencimento a um lugar, às pessoas. Vocês foram a cunha através da qual a piedade de Jesus chegou até o meu coração. Foi assim que entendi qual lugar Deus ocupa na minha vida. É meu primeiro pensamento de manhã e o último quando vou dormir. Estou feliz porque chegou na minha vida como um grande furacão que destrói tudo. Antonio, você é, com toda a sua família, um testemunho vivo do Evangelho, você é uma Obra de Deus”.

No funeral, na catedral de Frascati, havia muita gente. Seus três filhos, Miriam, Gabriele e Stefano, se despediram com estas palavras: “Porto seguro onde atracar ao fim de um dia de sol ou depois de uma tempestade: você sempre estava ali, pronto a nos escutar, nos acolher, nos encorajar, nos incentivando a voltar ao mar sem temor”. No dia 22 de junho, para concelebrar estavam o cunhado padre Enrico Pepe e o cardeal João Braz de Aviz. ■

Lina Ciampi

Christine Naluyange, mulher-mundo

Em seus 66 anos de vida, Christine, focolarina de Uganda, mostrou com a vida que no mundo não existem muros intransponíveis. Soube amar cada um e cada lugar com grande abertura: primeiramente como artista do grupo internacional Gen Verde, depois na Itália, a serviço das focolarinas, e finalmente de novo na África, primeiro na Tanzânia e depois no Quênia.

No início dos anos 70, Chiara Lubich tinha com os gen, os jovens do Movimento dos Focolares, um relacionamento quase cotidiano. Em um mundo em rápida evolução, sacudido por revoluções ideológicas e cores diversas, a fundadora do Movimento dos Focolares preparava-os para a conquista do mundo por meio do amor evangélico. Um projeto de vida que, para ser abraçado, exigia deixar tudo para trás e saber olhar longe.

Em 1972, em Masaka, Uganda, Christine Naluyange fez sua escolha. Aos 20 anos partiu para Fontem (Camarões) para participar de uma das experiências de convivência social mais visionária daquela época: viver em uma pequena cidade, nascida a menos de 10 anos, onde brancos e negros, doentes e saudáveis, sábios e ignorantes conviviam para dizer a si mesmos e ao mundo que a fraternidade é um estilo de vida possível, produtivo e até mesmo exportável.

Falar sobre Christine, focolarina africana, poucos dias depois de seu falecimento, no dia 21 de julho de 2019, devido a uma doença agressiva, não só é obrigatório, mas necessário em tempos como estes em que em nome de reivindicações soberanas se erguem muros de todo gênero ou se deseja ver, do continente africano, somente o lado de quem foge em busca de um futuro.

Em seus 66 anos de vida, Christine nunca havia considerado a grande diversidade encontrada como muros intransponíveis. Pelo contrário, acolheu-a em si, fez dela a riqueza de cada pessoa, povo e cultura: primeiro como artista, por 23 anos fez parte do grupo internacional Gen Verde, depois na Itália, no Centro do Movimento, a serviço das focolarinas; depois, novamente na África, primeiro na Tanzânia e depois no Quênia.

Sua vida era variada, plena, fez de tudo. Subiu aos palcos, serviu os irmãos e desempenhou um papel de responsabilidade; tudo com grande naturalidade e normalidade. Sua existência foi riquíssima de relacionamentos; aproximava-se das pessoas com o coração de mãe, sempre mais preparada a escutar quem falava, a se ocupar de cada um concretamente. Não é por acaso que seu moto de vida era uma frase do Evangelho que



Chiara Lubich havia escolhido para ela: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

Dos muitíssimos testemunhos que chegaram em sinal de gratidão e louvor a Deus, citamos dois que exprimem bem a riqueza humana e espiritual de Christine.

Maricel Prieto, espanhola, que passou 18 anos com Christine, no Gen Verde, escreveu: “Sobre ela, me vem à mente sobretudo uma palavra: ‘realeza’. Christine era uma majestade no palco, mas era assim também quando se aproximava das pessoas, quando acolhia qualquer um, quando carregava ou descarregava o material dos nossos caminhões, quando trabalhava no jardim, quando preparava o almoço. E isso não era uma simples atitude, mas um constante ‘calar-se’ no momento presente com uma adesão ferrenha à vontade de Deus que fazia com que estivesse sempre disponível, próxima”.

“Tendo vivido mais da metade da sua vida fora do continente africano”, diz Liliane Mugombozi, “Chris”, como a chamávamos, havia adquirido, em certo sentido, uma ‘cultura’ universal, mesmo se, para quem a conhecia bem, era uma mulher ugandesa, filha autêntica de sua terra. Ao seu lado, se experimentava uma enorme abertura; era uma ‘mulher-mundo’. Era tocante sua constância em acreditar e viver pela unidade com um olhar amplo, que sabia ir além das injustiças sofridas. Como explicar tudo isso? Acho que Chris fez uma escolha de vida: amar e fez de Jesus crucificado e abandonado seu modelo em todos os esforços de coerência, segundo o estilo evangélico da espiritualidade da unidade”. ■

Stefania Tanesini



Evangelho vivido

Na prisão

Na minha cela havia um rapaz que não tinha dinheiro e, para comer, tinha se apropriado da vasilha de um outro detento que o ameaçou e o obrigou a pagar três Naira. Ele começou a pedir esse valor aos outros companheiros. Eu só tinha cinco Naira que me serviam para comprar comida. Mas lembrei-me do Evangelho e entendi que para amar a Deus devia amar aquele companheiro. E então dei a ele o meu dinheiro. Mais tarde alguém levou comida para mim, na cela.

Sylvester – Nigéria

O jantar

Esta noite, logo que voltei da universidade, como sempre me sentei na frente da televisão esperando que minha mãe, que assistia o seu programa preferido, se levantasse para preparar o meu jantar. Depois pensei:

dias atrás eu ouvi três estudantes de medicina falarem do Evangelho, eles salientavam a importância de fazer a vontade de Deus durante o nosso dia. Então me levantei e fui para a cozinha preparar o jantar. Foi o meu primeiro ato de amor consciente.

T.C. – Italia

Membros do Movimento que concluíram a sua vida terrena:

17 junho 2019 Grgo Kopilović - focolarino casado da Sérvia
20 junho 2019 Franco Tarantino - focolarino da Itália
21 junho 2019 Tonino De Sanctis - voluntário da Itália
23 junho 2019 Gilla Stagno Benoni - focolarina casada da Itália
8 julho 2019 Nicola Luisi - focolarino casado da Itália
8 julho 2019 Gabriele Marsili - focolarino da Loppiano (Italia)
21 julho 2019 Christine Naluyange - focolarina ugandesa no Quênia
4 agosto 2019 Armando Droghetti (Festa) - focolarino italiano na Mariápolis Romana
22 agosto 2019 Ezio Sorgo - focolarino argentino da Itália
30 agosto 2019 Albert Dreston - focolarino alemão de Loppiano (Itália)

Contribuições para o noticiário Mariápolis:

Prezados leitores,

Este noticiário em formato Pdf, que pode ser impresso, reúne os artigos mais importantes publicados na seção “Mariápolis” do site internacional do Movimento dos Focolares (www.focolare.org/mariapoli). Vocês poderão baixá-lo do site ou receber por e-mail ativando a respectiva notificação.

*É um serviço **gratuito** do Departamento de Comunicação. Mas somos sempre gratos a quantos quiserem continuar a sustentar, inclusive economicamente, o nosso trabalho, contribuindo também assim para a difusão do Carisma da unidade.*

A redação

A ajuda econômica pode ser enviado por transferência bancária na conta corrente:

PAFOM – Noticiário Mariápolis
Unicredit Ag. di Grottaferrata (RM) - Piazza Marconi
IBAN: IT 94 U 02008 39143 000400380921
BIC: UNCRITM1404

O presente Noticiário Mariápolis em formato Pdf é uma seleção de notícias publicadas no site do Movimento dos Focolares - P.A.F.O.M. www.focolare.org/pt/mariapoli/

© Todos os direitos reservados